

ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA PEDRO DA FONSECA

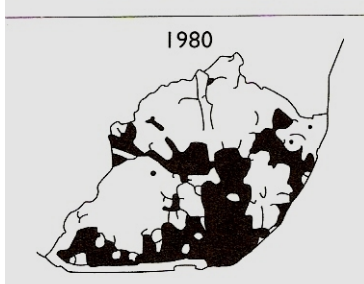
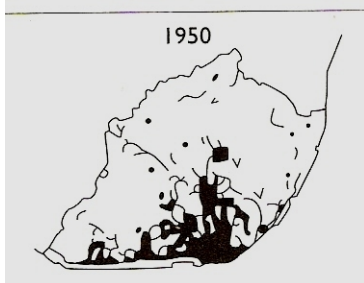
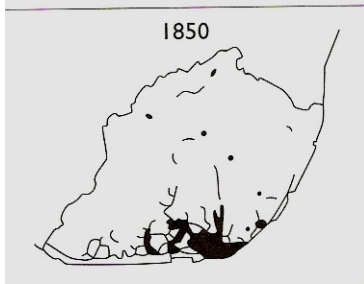
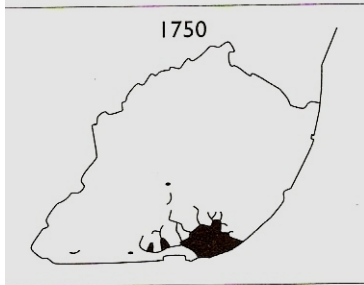
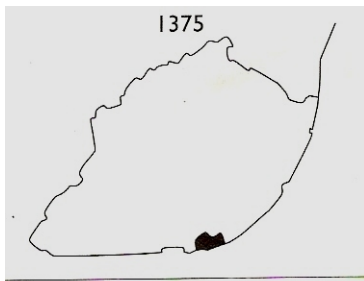
VISITA DE ESTUDO

“TRÊS LISBOAS”

Dia 3 de Outubro de 2009



INTRODUÇÃO



Evolução de Lisboa

Lisboa foi-se construindo ao longo dos séculos. Por esta razão não existe uma, mas várias Lisboa(s) conforme as épocas em que foram edificadas.

Nesta visita de 3 de Outubro, vamos visitar três: 1- vamos viajar pela Lisboa dos Descobrimentos “descobrimo” através da arte a magnitude do trabalho de globalização iniciado naquela época; 2- vamos recuar à Idade Média e imaginar o quotidiano dos alfacinhas; 3- vamos avançar pelo século XVIII, revisitando a reconstrução da Lisboa destruída pelo grande terramoto de 1755.

Outras Lisboa(s) ficarão para outras visitas.

A cidade nasceu no estuário do Tejo e a sua primeira condensação urbana ocorreu na colina do Castelo que, já desde as Guerras Púnicas, teria servido de acrópole ao povoado circundante.

Dos núcleos iniciais, situados entre os esteiros, que chegavam à actual Praça da Figueira, e a colina onde viria a ser construído o Castelo de São Jorge, a cidade irradiou, primeiro para a beira Tejo (cidade medieval e cidade das descobertas) e, depois para norte.

Foi conquistada aos mouros por D. Afonso Henriques, a 28 de Junho de 1147, com a ajuda de cruzados. Osberno, cruzado, descreveu assim a Lisboa que encontrou: “ A norte do rio está a cidade de Lisboa, no alto de um monte arredondado e cujas muralhas, descendo a lanços, chegam até ao Tejo, dele separado apenas pelo muro. Ao tempo a que ela chegámos, era o mais opulento centro comercial de toda a África e de uma grande parte da Europa.” Surpreendeu-se com “os muitos mercadores” que andavam pelas ruas.

A cidade conquistada começou a expandir-se com a urbanização do vale onde hoje se situa a Baixa e a consolidação do bairro de Alfama. Em 1373, a Cerca Fernandina marcava o novo limite da cidade, envolvendo os novos bairros, entretanto surgidos para além da Cerca Moura (Cerca Velha).

Com os Descobrimentos, Lisboa torna-se uma cidade virada ao Mundo: entre 1425 (65.000 habitantes) e 1551, a população quase duplicou. D. Manuel leva a corte do alto do Castelo para junto da zona ribeirinha, habitada pelos mercadores.

O grande terramoto de 1755 permite o refazer de Lisboa segundo as teses iluministas da “cidade ideal”. É executado o plano de conjunto da Baixa Pombalina e são parcialmente ordenadas as zonas do Príncipe Real, Rato, S. Bento e Lapa.

A Lisboa de “Encompassing the Globe”

Começemos pela visita à exposição “Encompassing the Globe. Portugal e o Mundo nos séculos XVI e XVII” no Museu Nacional de Arte Antiga.



Museu Nacional de Arte Antiga



Encompassing the Globe

Esta exposição é um excelente testemunho da presença cultural portuguesa em África, na Ásia e nas Américas, e destas na cultura portuguesa.

Um total de 173 obras – **Cartografia, Marfins, Imaginária, Desenho, Gravura, Escultura, Pintura, Plumária e Ourivesaria** –, oriundas das melhores colecções públicas e privadas do mundo, constituem a edição recriada e engrandecida da exposição, concebida pela Smithsonian Institution, em Washington e aí realizada em 2007. (Uma segunda edição esteve no coração da Europa, em Bruxelas, em 2008.)

Através destas obras, podemos confirmar a importância de Portugal na criação de redes de comunicação em tempo real, o estabelecimento de mercados internacionais e o intercâmbio cultural, artístico, científico e linguístico que permitiram à Europa, através de Portugal, influenciar e ser influenciada por outras culturas.

Portugal constituiu-se, nos séculos XVI e XVII, em epicentro de novas estruturas económicas, políticas e culturais em todo o mundo, que configuraram o pensamento europeu com efeitos definitivos para a comunicação global. Um milhão de falantes do português no século XV “globalizou-se”, assim, em duzentos milhões, na actualidade.

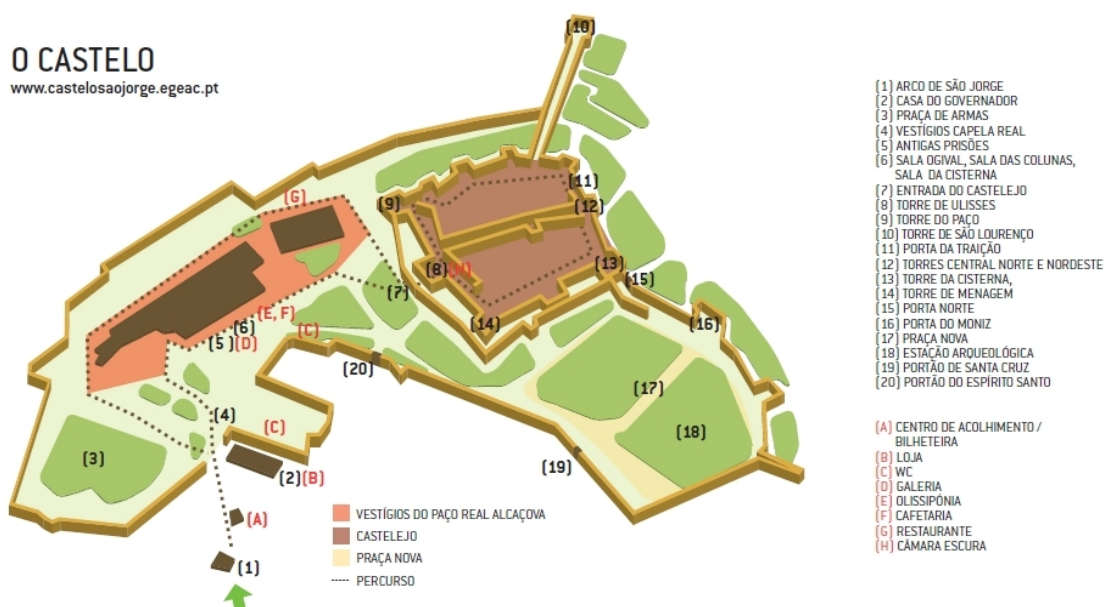
Por seu lado, Lisboa é aqui mostrada como a grande porta para o Mundo, lugar de chegada das mais exóticas mercadorias, conhecimentos e gentes que, circulando pela Europa, alteraram os hábitos do quotidiano e do pensamento, científico e filosófico. Sinal desta disseminação foi a presença de grandes intelectuais portugueses nos grandes centros da Europa, assim como a constatação, que as obras expostas sublinham, da quantidade e variedade de produtos que, em trânsito por Lisboa, foram desejados, por gosto e curiosidade científica, pelas mais sofisticadas sociedades europeias.

Hoje não é possível visitar a faceta mais monumental desta Lisboa dos Descobrimentos. É a Lisboa dos Jerónimos e da Torre de Belém. Ficará para uma próxima ocasião.

A Lisboa Medieval

O nosso percurso ao ar livre inicia-se no **Miradouro das Portas do Sol**. Observe-se a cidade medieval a descer até ao Tejo e o que resta da muralha mais antiga de Lisboa (Cerca Moura-Cerca Velha). Miremos Alfama. Depois, subamos ao Castelo de S. Jorge através do **Pátio Dom Fradique** (século XV). Ressuscitemos, por instantes, a vida medieval do povo alfacinha neste espaço muito típico. Não nos esqueçamos também de reflectir sobre o abandono a que ele está agora votado.

Chegamos ao **Castelo de S. Jorge**.



O Castelo, tal como se nos apresenta hoje, tem pouco a ver com o que seria em 1383-85, pois ao longo dos séculos foi sofrendo obras de restauro e de adaptação. De salientar a última intervenção arquitectónica que data da década de 40 do século XX, *comemorando* os 800 anos da conquista de Lisboa. No Castelo, distinguem-se o Castelo Velho ou Castelejo, que ocupa um recinto de forma quadrangular com as muralhas que o envolvem, interrompidas por altas torres, algumas das quais conservam designações próprias: Torre do Haver ou do Tesouro, Torre Albarrã ou de Ulisses, Torre do Observatório, Torre da Cisterna, Torre do Tombo...e, no interior, a *cidadela* onde se encontram as ruínas do *Palácio Real*, que substituiu a alcáçova muçulmana. Este paço foi escolhido por D. Dinis para sua residência, exemplo seguido por todos os reis, até D. Manuel. Foi aqui que Gil Vicente representou o Monólogo do Vaqueiro ou Auto da Visitação(1502) para a Rainha D. Maria, mulher de D. Manuel I, quando nasceu o futuro D. João III e que D. Manuel recebeu, em festa, Vasco da Gama no regresso da sua viagem à Índia.

Percorrido o Castelo, e admiradas as diversas panorâmicas de Lisboa, descemos em direcção ao **Miradouro de Santa Luzia** e **Rua do Limoeiro**. (Presta atenção ao traçado e largura das ruas.)

Estamos na Rua do Limoeiro, frente ao edifício do Centro de Estudos Judiciários. Neste local situava-se o **Paço do Limoeiro**, por ter, segundo a lenda, uma grande árvore que caracterizava o sítio. Também se chamava **Paço dos Infantes**, por ter sido atribuído aos infantes D. João e D. Dinis, filhos de D. Pedro e de D. Inês de Castro, para aí residirem, e Paço de a-par-de-S. Martinho, por se situar defronte da Igreja de S. Martinho, hoje desaparecida.

Este Paço Real, segundo as crónicas e estampas antigas, era um magnífico edifício coroado de torres com pináculos medievais. Serviu de residência a D. Fernando e D. Leonor Teles e, mais tarde, a D. João I, enquanto não se terminaram as obras de restauro do Paço da Alcáçova, no Castelo, e ao Infante D. Duarte, depois rei. No reinado de D. João II já era utilizado como cadeia e como sede de Desembargo do Paço. No reinado de D. Manuel, instalou-se nos andares superiores a Casa da Suplicação ou do Cível e no tempo de D. João III continuou a ser utilizado como Cadeia da Corte e da Cidade, com algumas dependências a servir de repartições de Justiça. No terramoto de 1755, ficou muito arruinado e os presos, na ânsia de salvarem a vida e recuperarem a liberdade, fugiram como puderam. D. Maria I planeou reconstruí-lo, o que só aconteceu muito mais tarde. Voltou a ser utilizado como cadeia durante o Estado Novo.

Aqui chegados, relembremos a tarde de 6 de Dezembro de 1383. Tentemos reconstruir mentalmente a cena protagonizada pelo Mestre de Avis neste Paço Real e relatada por Fernão Lopes na *Crónica de El rei D. João*. Nesse dia, recorda-se, o Mestre – filho bastardo de el-rei D. Pedro – entrou, abruptamente, no Paço, acompanhado por vinte

fidalgos armados, avançou rapidamente para a sala onde estava a Rainha, que se mostrou muito surpreendida pelo facto de trazerem armas. O Mestre falou a D. Leonor de Teles de negócios militares, como governador que era da região entre Tejo e Guadiana e, depois, manteve conversa com o Conde de Andeiro de modo a levá-lo até uma sala contígua da câmara real onde o matou.

Foi a partir deste edifício e por estas ruas que o pajem da crónica correu gritando. “Matam o Mestre! ... Acorrei ao Paço da Rainha!”, pondo toda a cidade em alvoroço na defesa do Mestre de Avis. Precisamente aqui, onde estamos.

Um pouco mais abaixo, do outro lado da rua, situa-se o **Aljube**, cadeia de presos políticos durante o regime de Salazar. É um edifício inexpressivo, reconstruído a partir de outro mais antigo. Sobre o portal encontra-se o brasão de armas de D. Miguel de Castro, arcebispo de Lisboa, entre 1568 e 1625. Foi cadeia de eclesiásticos, cadeia de mulheres e depois, até ao 25 de Abril de 1974, prisão dos opositores ao regime.

Logo a seguir chegamos à **Sé de Lisboa**. É uma construção assente sobre a antiga “Mesquita Maior” construída entre os séculos IX e X. A fachada é dominada pelas duas torres sineiras quadrangulares, que lhe conferem uma atitude defensiva, e que correm no corpo do templo, dominada por uma rosácea, fruto do restauro de 1911. A entrada é feita por um pórtico de quatro arquivoltas semicirculares, que assentam em capitéis decorados com motivos vegetalistas e figurativos, que são parte integrante da primeira decoração.



Sé de Lisboa



Lisboa medieval cercada pelos castelhanos no séc.

Esta catedral foi dedicada, por D. Afonso Henriques, a Santa Maria Maior. O terramoto de 1755 provocou um incêndio, que destruiu a capela-mor, dedicada a S. Vicente, padroeiro de Lisboa. Em 1911, e ao longo de 20 anos, realizaram-se obras para tentar recuperar o seu programa arquitectónico inicial: românico-gótico.

Foi aqui na Sé que ocorreu outra cena famosa descrita por Fernão Lopes. Voltemos atrás. O Mestre de Avis, depois de ter morto o Conde de Andeiro e abandonado o Paço na companhia de muitos nobres, foi avisado que o povo queria matar o Bispo de Lisboa, que era espanhol e não queria tocar os sinos da Sé para avisar a população do que se estava a passar (o Bispo, que não sabia do ocorrido no Paço, não queria tocar os sinos, o que foi entendido como estando a favor de Castela). O povo, em fúria, subiu à torre, matou o Bispo e atirou-o para a rua. Depois, despiu o corpo, apedrejou-o e arrastou-o pelas ruas de Lisboa.

Olhemos a torre e entremos, respeitosamente, na Sé.

Desçamos pelas Igrejas de **Santo António** e **da Madalena** com destino à Rua Augusta e à Praça do Comércio que já fazem parte de outra Lisboa. A pombalina. Comparemos.

A Lisboa Pombalina



Sebastião José Carvalho e Melo não se intimidou com a catástrofe que se abateu sobre Lisboa no dia 1 de Novembro de 1755. Três meses depois do terramoto, aprovava o projecto dos Engenheiros Carlos Martel e Eugénio dos Santos, que transformaram aquele vale de Lisboa num imenso espaço urbano de rigor geométrico, imaginado ao estilo de um aquartelamento militar.

A cidade foi refeita e cresceu de uma forma planeada. A Baixa Pombalina manteve, depois do terramoto, a mesma organização funcional do espaço urbano anterior, com as suas três áreas bem diferenciadas, que já vinham sendo definidas desde o movimento comercial dos Descobrimentos.

O Terreiro do Paço, assim chamado desde que D. Manuel I havia mudado a residência real para lá, mantém-se como o lugar do poder, agora rebaptizado de Praça do Comércio. As ruas estão perfeitamente alinhadas e aqui é o lugar do comércio e das finanças. O Rossio passa a ser o lugar do cidadão.

A nova praça mede 40.000m² e tem 86 arcos. No centro da Praça do Comércio foi colocada uma estátua equestre de D. José I, da autoria do escultor Machado dos Santos. Feita de bronze, tem 14 metros de altura. Sob os cascos do cavalo do monarca ondulam serpentes a serem esmagadas pela força do cavalo. Representam os inimigos do rei. No pedestal estão as imagens da Fama e do Triunfo e um medalhão com a imagem do Marquês de Pombal.

Observemos o traçado rectilíneo das ruas, a simetria dos desenhos e das construções, a semelhança igualitária dos edifícios. Tudo igual. E no centro, só uma figura se destaca. Quem é? Que significado tem?

O Arco do Triunfo, da rua Augusta, foi projectado ainda no tempo do Marquês, mas só foi concluído 80 anos mais tarde.

No cimo do arco pode ler-se, em latim, “*Virtutibus Maiorum Vt Sit Omnibus Documento*”, que, em tradução livre, será “*Às Virtudes dos Maiores, para Ensino de Todos*”. Aí foram colocadas várias estátuas: no cimo, a Glória coroa o Génio e o Valor; sobre os pilares, figuras importantes da História de Portugal: Viriato, chefe dos lusitanos, Nuno Álvares Pereira, herói da independência, Vasco da Gama, o primeiro capitão a chegar à Índia por mar, e o Marquês de Pombal, que reconstruiu Lisboa. Existem ainda duas outras estátuas que representam os rios Tejo e Douro.

Agora que chegámos ao final desta nossa Visita de Estudo, vamos recordar tudo o que vimos e ouvimos e, individualmente, cada um vai elaborar um relatório com os aspectos mais significativos e as impressões que mais marcaram. Uma folha A4 é suficiente.

Mais tarde, todos preencherão, anonimamente, um inquérito de avaliação desta Visita de Estudo.

OBJECTIVOS da VISITA

- Compreender a modernidade como um fenómeno global;
- Identificar Lisboa como um dos mais dinâmicos dos centros urbanos europeus;
- Valorizar os contactos multicivilizacionais;
- Relacionar o património cultural português com a obra literária de Fernão Lopes, Gil Vicente, Camões, Fernando Pessoa e Saramago.
- Identificar e caracterizar estilos arquitectónicos;
- Conhecer a evolução da cidade de Lisboa;
- Consciencializar para a preservação do Património Cultural;
- Fomentar as relações aluno/professor e aluno/aluno;
- Promover a interdisciplinaridade.

DINAMIZADORES:

Daniel Fernandes Catarino e António Manuel M. Silva

ACOMPANHANTES

Paulo Santiago, Maria Teresinha Catarino, Maria José Mota e António Gil Dias

PÚBLICO ALVO

Alunos do 12 ano profissional “ ASC”

Alunos do 11.C – História A

ITINERÁRIO

- Partida de Proença (Junto à Biblioteca Municipal): 07h 30m;
- Museu Nacional de Arte Antiga - Lisboa: 10h 45m;
- “Emcompassing the Globe”: 11h -12h 30m;
- Almoço: 12h 30m - 13h 30;
- Miradouro das Portas do Sol: 14h;
- Castelo de S. Jorge: 14h 15m;
- Baixa Pombalina: 16h
- Saída de Lisboa: 17h 30m
- Chegada a Proença a Nova: 20h 30m.

AVALIAÇÃO

Inquérito